

A difícil situação das escolas públicas

Governo constata que 72% dos colégios da rede oficial de ensino das regiões Norte e Centro-Oeste precisam de reformas

Lisandra Paraguassú
Da equipe do **Correio**

Manter uma sala de aula com as mínimas condições de funcionalidade não é uma tarefa difícil. Bastam carteiras para os alunos, um quadro negro, mesa e cadeira para a professora, um armário para guardar o material didático, boa iluminação e ventilação. E uma boa conservação. Essas são as condições mínimas exigidas pelo Ministério da Educação. Mas o simples se transforma num desafio distante quando se analisa a situação das escolas de ensino fundamental que existem hoje no país.

Um levantamento feito nas regiões Norte e Centro-Oeste pelo Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola), ligado ao Ministério da Educação (MEC), mostra que 72% das salas de aula precisam ser reformadas. Nem que seja ganhar, pelo menos, uma pintura nova. Em outras 25% não adiantaria reparos. A única solução seria colocar abaixo e construir de novo.

Esses números dizem respeito apenas aos colégios das capitais dos 10 estados das duas regiões e das cidades das suas regiões metropolitanas. Mas pode ser considerado como um perfil aproximado da situação de todas as escolas no Norte e Centro-Oeste. "As escolas dessa microrregião representam mais de 60% das matrículas", explica Karla Kiffer, coordenadora de Projetos Escolares do Fundescola.

Um perfil nada animador. Das 4.164 escolas avaliadas no levantamento obtido pelo **Correio**, nenhuma estava acima do padrão considerado mínimo pelo Fundescola. "Algumas — em Manaus, por exemplo — tinham até ar-condicionado. Mas, às

vezes, falta uma sala, tem problema de iluminação, etc", explica Karla.

PADRÃO

O padrão mínimo do Fundescola estabelece o que um colégio deve ter para funcionar organizadamente. As diretrizes mudam de acordo com o tamanho e localização da escola, mas devem seguir alguns princípios básicos. Ter carteiras com mesa e cadeira separadas em número suficiente para todos os alunos, por exemplo — uma determinação um tanto óbvia, mas muitas vezes difícil de cumprir.

Dentro das salas, a escola deve ter, também, um quadro negro, uma mesa e cadeira para professor, um armário e quatro ventiladores. "Nessa região faz muito calor, é impossível ficar dentro das salas sem ventilação", diz Karla.

As janelas são outro ponto importante. Segundo as normas técnicas do Fundo, elas têm que ocupar pelo menos um quinto da área do piso da sala. Isso permitiria boa iluminação natural e ventilação. Mas, ao mesmo tempo, o reflexo da luz não pode atrapalhar a visão do quadro-negro.

Em escolas com mais de seis salas de aula, também é prevista na estrutura física mínima que devem existir: sala de supervisão, biblioteca, sala de recursos pedagógicos, da direção, cozinha, despensa, cantina, banheiros. "Na verdade esse é o padrão que estabelecemos, mas ele pode variar de acordo com as necessidades do estado", explica Karla.

Mas, segundo o Fundescola, apenas 5% dos colégios visitados poderiam continuar funcionando sem nenhuma intervenção — mesmo que falte algum detalhe para que atinjam o perfil ideal. O restante teria, necessariamente, que passar por uma recauchutagem.

Raimundo Paccó



O aluno João Pedro na janela da Escola Joaquim Soares, em Goianópolis: colégio não vê reforma desde a época em que Leandro e Leonardo estudavam lá

PROBLEMAS

Na Escola Estadual Joaquim Soares da Silva, em Goianópolis (GO), a reforma teria que começar pelas paredes. Em duas salas, rachaduras vão do chão ao teto. "Aqui é mais fácil dizer o que a gente não precisa", diz Cacilda Gomes Neta, professora de ciências da 5ª série.

O colégio, onde os músicos da dupla Leandro — morto há cerca de três semanas — e Leonardo fizeram o 1º grau, não vê uma reforma desde que eles ainda freqüentavam os bancos escolares. Uma pintura aqui, a troca de vidros depois, mas

nada de substancial para resolver os problemas estruturais.

As carteiras — escassas — são do tipo cadeiras universitárias, pouco indicadas para escolas, principalmente para 1ª a 4ª séries. "Os pequenos ficam com os pezinhos balançando", conta Cacilda. Sem contar que a maioria delas está soltando lascas, com encostos ou assentos quebrados.

Faltam também armários para os professores, e nas janelas, do tipo basculante, não há vidros. Sem contar que, com pouca abertura e vidros transparentes, colaboram para aumentar o calor e a poeira, e diminuir

a visibilidade dos quadros-negros.

O grupo escolar foi um dos escolhidos pelo Fundescola para entrar na lista de reformas, junto com as duas escolas do município. Segundo o ranking montado pelo Fundo, elas estão entre as mais necessitadas da região.

No município, a situação é um pouco melhor. As carteiras estão em mau estado, mas são em número suficiente. A luz não é adequada, falta espaço para as crianças, mas a pintura foi refeita e há poucos vidros quebrados. "O que mais precisamos mesmo é comprar carteiras para trocar essas aqui, que são universitá-

rias, além de mais armários", explica Maria Teresinha de Oliveira, secretária de Educação do município.

Dos 10 estados que entraram no levantamento — Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul —, apenas três não precisam de intervenção em 100% das escolas analisadas. Mesmo assim, dos três, no Amapá apenas duas escapariam. Em Rondônia, uma. E no Amazonas, onde há mais escolas, 93. No Tocantins, 46,31% dos colégios foram considerados substituíveis.